

ÀS MARGENS DO SÃO GONÇALO: TECNOLOGIAS DE CONTROLE, SOCIABILIDADES E (RE) ARRANJOS NO PASSO DOS NEGROS EM PELOTAS/RS

ÍCARO VASQUES INCHAUSPE¹, LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – icarovasques@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte do projeto de extensão chamado *Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva*, de forma a tecer uma aproximação entre Antropologia Social e Cultural e Arqueologia, de modo a dialogar com a comunidade sobre a história local e seus modos de vida, além de estimular a observação, a escuta e a escrita etnográfica.

Portanto a pesquisa procura apreender novas formas de sociabilidade que são configuradas como (re) arranjos no Passo dos Negros em Pelotas/RS, a partir das tecnologias de controle utilizadas pelo Estado – Prefeitura Municipal de Pelotas e demais atores externos produtores de controvérsias ‘silenciosas’ que se espalham no território observado.

De forma a verificar como se colocaram estas questões de sociabilidades e arranjos socioculturais que permeiam o território trabalhado num contexto de periferia urbana, onde moradores foram deslocados para este espaço entre moradores mais antigos e novos moradores, ambos deslocados de outras margens, aplicaremos a noção de margens por DAS & POOLE (2008) a partir de três enfoques: a) margens seriam periferias nas quais se abarcaria pessoas que se consideram insuficientemente socializadas nos marcos das leis, e que são constantemente alvo de políticas pedagógicas que visam converter “sujeitos rebeldes” em sujeitos legais do Estado; b) o modo como as leis e seus representantes (agentes estatais) são percebidos pelas pessoas nas margens produz o Estado; c) o exercício do poder soberano não somente sobre territórios, mas também sobre corpos, leis e disciplina que, ao distanciarem-se do que é considerado normal pelo poder estatal assumem característica patológica, ou seja, marginal.

Considerando estes aspectos necessários e presentes do Estado de forma a produzir novos mecanismos de controle (SOILO, 2015) tornando-os legíveis de forma coproduzir novas leituras que precisam ser reconfiguradas mediante suas realidades e especificidades.

Neste sentido, tomaremos como unidade analítica (MAGNANI, 2009) que emerge nesse diálogo paradoxal e conflituoso diante o contexto apresentado, a finalidade da presente pesquisa é apresentar a subversão de um outro olhar não legível pelo poder estatal (a leitura não oficial), a partir de formas de sociabilidades que os moradores do Passo dos Negros por meio do uso **vernacular** [grifo meu] da cidade (do espaço, dos equipamentos e da instituições) seja em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por sua vida cotidiana (MAGNANI, 2006).

A partir de algumas das observações das práticas locais dos moradores, foi possível pensar em seus múltiplos e diferentes arranjos criativos e coletivos que atuam e modificam-se a partir de seu comportamento no espaço vivenciado.

2. METODOLOGIA

O trabalho até o momento foi realizado a partir da observação participante efetuada em duas saídas de campo até o Passo dos Negros, percorrendo dois trajetos territoriais a partir de seus moradores, seu Pedro e seu Aníba representando o Osório F.C, quanto a observação de forma geral diante da paisagem, no sentido de produzir ao final dessa observação – ainda em andamento, uma etnografia por sua contribuição teórico-etnográfica (PEIRANO, 2014), resultante destes dados que em outro momento serão abordados e reflexionados em uma produção mais densa.

Os dados (em construção continua) ocorreram por meio da observação participante e foram extraídos a partir da produção dos diários de campo que serviram como referencia a partir das narrativas colocadas. Postulando o principio da abordagem do metodo-teórico etnográfico entre a “prática etnografica” e a “experiencia etnografica”: a prática sendo continua e programada e a experiencia é imprevista, descontinua (MAGNANI, 2003). Pensando no método de aplicação, uma depende da outra, o que permitirá dar seguimento ao campo e a pesquisa, ou como diria Levi-Strauss (1976, p.37) o “direito de seguir.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, a partir das narrativas colocadas pelos possíveis interlocutores o que se coloca num primeiro momento é que de modo geral as narrativas produzidas pelos grupos são heterogenias, logo seus arranjos coletivos e criativos também são heterogeneos. A partir das narrativas, parte-se da classificação de duas áreas do grupo de moradores do Passo do Negro: a) área de certeza; e b) área de incerteza, embora as duas áreas façam parte da integralidade do todo e aqui perceberemos como suas rotinas são sociabilizadas, encaradas, construídas e configuradas a partir do uso vernacular da cidade.

A área de ‘certeza’ (área A) aqui colocada é onde possui um número maior de moradores, um povoamento maior de habitações, já fazendo parte de um bairro – bairro Areal, conforme assim entende a Prefeitura Municipal de Pelotas. Entrando na relação ‘tecnologias de controle’ o Estado está presente no neste espaço, através de pontos de onibus, postos de saúde, postos de luz, água encanada e uma série de bens sociais que estão ali presentes na vida das pessoas. De certa forma, talvez não seja um bem ‘eficaz’ para os moradores em sua coletividade, mas é um bem que está ali, controlando e regulando quem está dentro e quem está fora do jogo. Como diria (SILVA, 2015) o “vazio institucional” está em constante atividade em relação às margens e ambos coproduzem novos arranjos também.

Também onde há estabelecimentos comerciais, e estruturas de moradia provisórias (barracos, casas de madeira entre outros tipos de moradias) e casas já construídas há alguns anos. É o encontro de antigo moradores com novos moradores, que se deslocaram para o Passo dos Negros em busca de ‘melhor qualidade’ de vida a partir de discursos controversos promovidos pela especulação imobiliária e por entes estatais que se apresentam como um dos agentes externos.

Dentro desse grupo, há o clube de futebol chamado Osório Futebol Clube (Osório F.C) promovido como o ‘coração da comunidade’ nas palavras do seu Aníba, atual presidente da entidade e membro há mais de 50 anos, tendo o clube com 83 anos de existência, fundando em 25 de dezembro de 1933, o clube possui Estádio próprio com campo principal. Muito ligado a história do Coronel Pedro Osório e dessa região das charqueadas (Passo dos Negros, Engenho, Lago São

Gonçalo) que é historicamente famosa e reconhecida pelo desenvolvimento da pecuária e logo após, o engenho do cascalho, via plantação de arroz.

Voltando ao ‘coração da comunidade’, porque pensar no Osório – carinhosamente como seu Aníba relata, de que forma pensar nesse ‘equipamento’ um meio de sociabilidade e de (re) arranjo coletivo? Pois é a partir dos encontros tanto entre os jovens que tem o sonho em tornar-se jogador de futebol até o encontro em que a periferia é entendida ainda, num senso comum, como um espaço marginalizado (FELTRAN, 2010). É a partir do discurso do seu Aníba que também o Osório pode funcionar como uma via de mão dupla: pensar nas sociabilidades destes jovens e como de resgatá-los de um ‘futuro caminho mal intencionado’. Detectar estes encontros e como se comportam nesse espaço de sociabilidade que não apenas envolvam os jovens, mas que envolvam os familiares destes jovens – tema clássico da antropologia (pai, mãe, avós, tio, tia, primos) e também pensar o oposto de como essas ‘famílias’ se constroem socialmente – possível de ser discutido e verificado futuramente, próximos afim de pensar enquanto o Osório um espaço de lazer, de retirada momentânea daquela realidade ou até mesmo de compartilhar as próprias realidades: angustias, alegrias e tristezas.

Além de se consolidar enquanto um espaço de encontro da prática esportiva é também um espaço de encontro da prática da convivência social a partir das festas, churrascos, e bingos que são promovidas no espaço recreativo do clube, ou seja, a inserção social neste espaço vai além das práticas esportivas, incluindo e estendendo uma faixa etária que agrupa grupos não somente juvenis mas também adultos. Ou seja, o ‘coração da comunidade’ está pulsando e produzindo novos (re) arranjos que modificam a si mesmos, e entre os outros – ou os que estão de fora e como olham estes acontecimentos.

Agora pensando na área b, em outra forma de arranjo, neste caso mais individual, é o caso do seu Pedro, que trabalha com o recolhimento de objetos descartados na rua, e morador em potencial remoção deste outro espaço de risco, mas que ao contrário dos outros moradores do espaço a, resiste e pensa articuladamente em formas estratégicas de se manter no lugar, e faz desse espaço seu cotidiano que não seria o ‘ideal’ na concepção de um engenheiro civil, arquiteto ou profissional da área, mas que produz a sua própria engenharia a partir de sua realidade de forma a pensar neste espaço enquanto um lugar para não apenas para morar mas para viver. Assim como seu Aníba, ele também é um morador antigo do Passo dos Negros, e nesse sentido traz a autoridade e a criatividade como formas de habitar e viver no lugar.

Pensando nestes dois exemplos como formas de habitar e viver, mesmo estando às margens, e a forma de sociabilizar, estes se configurarem diante suas especificidades mesmo estando em espaço ‘homogeneo’ territorialmente, se configuram heterogeneamente: através do lazer, espaços de encontros, e também a partir das dinâmicas laborais e de resistência mesmo diante de tecnologias de controle e de governo sobre as mais variadas atividades coletivas, que estão tão naturalizadas no cotidiano que as vezes nem mesmo percebemos sua existência.

4. CONCLUSÕES

Pensar no *vernáculo* é pensar nesse contexto – periférico, pampeano, historicamente pecuário mas que se modifica e vai ao encontro de uma urbanização, onde a partir de um campo de futebol e de um clube recreativo se produzem redes de encontro, práticas esportivas, enquanto um equipamento

comunitário de sociabilidade. O *vernaculo* ainda assim possui uma outra função e outro significado para seu Pedro enquanto em sua realidade produz um vernaculo laboral, como estratégia de sobrevivência e como manifestação política.

As narrativas que foram apresentadas são relevantes tanto para o 'antropólogo' e observador, quanto de reflexão para os moradores produzirem seus sentidos e observar a si mesmo, e seus modos de habitar este lugar seja por meio de uma perspectiva histórica e suas identidades lá produzidas e resignificadas em seus atuais modos de vida, seja por especificidades atuais de sobrevivência.

Se este local foi 'reconhecido' no passado por motivos econômicos, agora deve ser reconhecido para outras continuidades e ressignificações que foram dadas a comunidade que ali habitam e que ali produzem seus sentidos de vida.

Formulando novos arranjos de vida social a partir do contexto que se transforma o espaço. Estar às margens é estar em constante encontro com o centro e coproduzir a partir de ambos os movimentos. Não é estar significado, é estar significante. É inventar-se o tempo inteiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAS, V; POOLE, D. El estado y sus márgenes: etnografías comparadas. In: **Cuadernos de Antropología Social**, n. 27, UBA, 2008.

DE ARAUJO SILVA, M. C. A transformação da política na favela: desconstruindo a "ausência do Estado". **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 38, 2015.

DE SANTIS FELTRAN, G. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de antropologia**, p. 565-610, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MAGNANI, J.G.C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social**, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MELLO, S. **Osório Futebol Clube – Pelotas (RS)**. A enciclopédia do futebol da na internet, 2 mai. 2012. Online. Acessado em 11 ago. 2017. Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=31812>

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

SOILO, A. **Margens, tecnologias de controle e (i)legibilidades: etnografia sobre a produção do estado e do comércio popular no camelódromo de Porto Alegre**. 2015. (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).